

## DO ‘PAÍS DO FUTURO’: COMO OS JUDEUS LATINOAMERICANOS SE TORNARAM GLOBAIS<sup>1</sup>

Luis S. Krausz em conversa com Ilan Stavans

De que maneira os judeus da América Latina, como o proverbial camaleão, têm se tornado parte essencial do ambiente em que habitam? Ou eles estão mais integrados aos padrões culturais “globais”, substituindo a cor local por uma abordagem mais universalista? Por que a América Latina tem sido um ímã para imigrantes judeus, desde o período colonial até o presente? Que tipo de lealdade eles professam para com a região? E, mais importante, que papel os judeus latino-americanos desempenham tanto na história judaica geral quanto em sua contraparte, a história latino-americana? Essas e outras questões são abordadas nesta conversa entre Luis S. Krausz e Ilan Stavans. Krausz é professor de Literatura Judaica e Hebraica na Universidade de São Paulo. É autor de *Passagens: literatura judaico-alemã entre gueto e metrópole* (2012); *Santuários heterodoxos: subjetividade e heresia na literatura judaica da Europa Central* (2017) e *Entre exílio e redenção: aspectos da literatura de imigração judaico-oriental* (2019). Stavans é Professor Lewis-Sebring em Humanidades, América Latina e Cultura Latino Americana no Amherst College. Seus livros mais recentes são *The Seventh Heaven: Travels through Jewish Latin America* (2019), *How Yiddish Changed America e How America Changed Yiddish* (2020), *Selected Translations: Poems, 2000-2020* (2021) e *What Is American Literature?* (2022). Este diálogo ocorreu eletronicamente entre 9 de novembro e 10 de dezembro de 2021.

\*\*\*

Luis S. Krausz: *Brasil, um País do Futuro (Brasilien, ein Land der Zukunft)*, de Stefan Zweig, que foi publicado simultaneamente em alemão, português, sueco, francês e inglês em 1941, impressiona o leitor contemporâneo pela maneira surpreendentemente benevolente pela qual o autor retrata a sociedade brasileira. Um dos aspectos que Zweig destaca nesse relato otimista sobre suas viagens pelo maior país da América do Sul é a suposta inexistência de qualquer tipo de problema racial: Zweig afirma que o conceito de raça – que acabou por expulsá-lo daquela que, em sua juventude, havia considerado sua pátria inquestionável, a Áustria – era simplesmente desconhecido no Brasil dos anos trinta e quarenta. Sua cegueira em relação às

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

marcantes desigualdades sociais em um país onde negros e mestiços quase nunca têm chance de alcançar as camadas mais altas da sociedade levou a muitas críticas em relação a esse livro em particular, visto por muitos como parte de um acordo entre Zweig e o governo ditatorial e antissemita de Getúlio Vargas. Críticos afirmam que Zweig receberia asilo no Brasil – embora a imigração de judeus fosse estritamente proibida pelo governo Vargas desde 1937 – e em troca, usaria seu nome, seu prestígio internacional e seu talento para promover o país no exterior, algo de que Vargas precisava com urgência, pois buscava ajuda externa para seu esforço de industrializar o país. Assim, os críticos de Zweig veem o livro como mera propaganda e como o ápice da desonra de Zweig: tendo alcançado o status de celebridade internacionalmente aclamada nos anos vinte e trinta, fora forçado a submeter seu talento aos interesses de um regime ditatorial nas fronteiras do mundo civilizado para escapar da morte.

Aqueles que afirmam que Zweig escreveu esse livro como um ato de desespero aparentemente ignoram o fato de que, antes de decidir mudar-se para o Brasil, lhe fora outorgado refúgio tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos. Eles também parecem esquecer que Zweig era, talvez mais do que qualquer outra coisa, um homem que foi educado para acreditar que a polidez e o bom gosto eram tudo ou quase tudo na vida. Tendo decidido deixar o Reino Unido, seu status de celebridade internacional obrigou-o a apresentar ao mundo uma razão plausível para sua partida, e o mesmo vale para sua saída dos Estados Unidos. A última coisa que um judeu austríaco gostaria de fazer nos anos trinta e quarenta seria expressar qualquer tipo de crítica ao estilo de vida e às sociedades britânica ou norte-americana.

Parece-me que o que Zweig procurava ansiosamente em suas andanças pelo mundo era um lugar que combinasse com sua sensibilidade exacerbada e que, de alguma forma, lhe lembrasse a perda da Áustria Imperial de sua juventude e infância, que ele amava desesperadamente.

Certamente não foi por acaso que ele terminou seus dias em Petrópolis, uma cidade na serra, não muito distante do Rio de Janeiro, onde o último imperador do Brasil, Pedro II, construía um palácio de verão para fugir do calor sufocante da Capital. Pedro II era filho de Leopoldina de Habsburgo e, portanto, parente próximo do *Kaiser* Franz Josef, a quem os judeus austríacos tanto amavam não apenas porque lhes concedera cidadania plena, mas também por elevar muitos deles à nobreza. O *Kaiser* Franz Josef também os havia protegido da ira de Karl Lueger, o prefeito antissemita de Viena, que foi três vezes eleito por uma chapa do Christlich-Soziale Partei [Partido Social Cristão], e cujas invectivas contra os judeus impressionaram tão fortemente um medíocre estudante de arte na Viena da virada do século cujo nome era Adolf Hitler.

Também não é coincidência que, entre os livros nos quais Zweig trabalhou em Petrópolis pouco antes de sua morte se destaque *Die Welt von gestern* (1941), um comovente retrato da vida na Áustria Imperial que, desde então, possui o status inquestionável de obra-prima e de clássico. Juntamente com *Radetzky marsch* (1932), de Joseph Roth, *Die Welt von gestern* está entre as representações mais emocionantes da perdida *Heimat*, a pátria desaparecida da Áustria de Franz Josef, que, aos judeus, parecia destinada a protegê-los, nutrí-los e permitir-lhes florescer e prosperar *per omnia saecula saeculorum*.

O que estou tentando dizer é que a decisão de Zweig de se refugiar no Brasil está inextricavelmente ligada ao seu profundo desejo de encontrar um lugar para si no mundo, um lugar que significasse algum tipo de vínculo com seu passado, com sua origem, e que aliviasse a insuportável sensação de ser um sem lar. A propósito, não se deve esquecer que Joseph Roth, que fora amigo íntimo de Zweig, havia considerado emigrar para o México, país que, não por acaso, também havia sido governado por um Habsburgo, o Imperador Maximiliano, cujo palácio ainda pode ser visto na Cidade do México.

Assim como Hannah Arendt afirma que o retrato de Zweig da Áustria imperial em *Die Welt von gestern* não é, de forma alguma, um retrato da Áustria imperial, mas o de um mundo burguês que foi separado do mundo “real” por uma cerca densa e dourada, a cegueira de Zweig em relação ao problema racial do Brasil poderia ser entendida, mais do que qualquer outra coisa, como uma ilusão.

Ilan Stavans: Nós, cidadãos das Américas, deveríamos ser chamados de “utópicos”, não porque nossa perspectiva seja mais futurista – na verdade, é possível que seja menos ainda que a da Europa e, entre os americanos, os de países de língua espanhola e portuguesa olham para o futuro com mais desconfiança do que os seus homólogos dos Estados Unidos e Canadá – mas porque o nosso continente, o chamado “Novo Mundo”, era visto por forasteiros, ou seja, vikings, espanhóis, portugueses e outros conquistadores do “Velho Mundo”, como uma espécie de laboratório, uma tela contra a qual era possível projetar qualidades messiânicas. Utopia, como você sabe, significa em grego “não existe tal lugar”. Quando Thomas More, um humanista do Renascimento, publicou seu romance *Utopia* em 1516, que trata de um governo experimental que ele imaginou em uma ilha (o subtítulo do romance era “*Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia*”), ele fez por escrito o que Colombo e outros exploradores fizeram através da navegação: visualizou um outro lado da realidade. Os imigrantes que vieram para a América Latina, desde o período

colonial até o início do século XX, exerceram o mesmo tipo de imaginação. Alguns dos cripto-judeus que escaparam da perseguição inquisitorial na Península Ibérica, como Luis de Carvajal, o Velho – tio de Luis de Carvajal, o Jovem, conhecido como “O Iluminado” – acreditavam que a Nova Espanha, Nova Granada e outros territórios do outro lado do Atlântico seriam um porto seguro onde poderiam praticar os rituais religiosos que lhes eram proibidos na Espanha, em Portugal e em outros lugares.

Muitos judeus europeus e norte-americanos experimentaram o fascínio da América Latina: Allen Ginsberg procurou o peiote no México; o crítico literário Rafael Cansinos-Asséns, que traduziu para o espanhol Shakespeare, Dostoiévski, Goethe e *As 1.001 Noites* e foi amigo de Borges; e o talmudista Monsieur Chouchani (sobre quem escrevi em *The Seventh heaven: Travels through Jewish Latin America*, 2019), morreu em Montevideú. Sua reação a *Brasil, um país do futuro*, de Stefan Zweig, me lembra outra “impostura” semelhante: *Los gauchos judíos*, de Alberto Gerchunoff, publicado em espanhol em 1910, sobre os judeus *gauchos* dos pampas. Gerchunoff não era um autor famoso quando chegou a um porto argentino no final do século XIX. Era em vez disso uma criança pobre de língua iídiche da Zona de Assentamento. Ele e sua família haviam se beneficiado do plano filantrópico do Barão Maurice de Hirsch de se estabelecer em Entre Ríos, o que significava que haviam conseguido escapar do antissemitismo russo. Viviam em uma das colônias agrícolas que replicavam o *shtetl* como um ecossistema. Gerchunoff era um amante de Scholem Aleichem, em particular *Tevye, o Leiteiro*.

Na adolescência, passou a acreditar que a Argentina era, no título de um de seus livros póstumos, “*un país de advenimiento*” [um país de advento], uma terra prometida onde os judeus poderiam prosperar como outrora na Babilônia. Ele pensou que se tornaria um escritor iídiche nesses territórios “virgens”. Mas então houve dois grandes acontecimentos: seu pai foi morto por um *gaucho*; e ele leu *Dom Quixote* em espanhol. A partir desse momento, convenceu-se de que o espanhol, e não o inglês, deveria ser sua língua literária. E, embora ainda apaixonado pela Argentina, tornou-se mais cauteloso. Publicou *Los gauchos judíos* em homenagem aos primeiros cem anos de vida independente da Argentina. O livro, composto por vinhetas sobre a cultura judaica rural nesses assentamentos agrícolas, é uma celebração a um futuro utópico. Hoje parece empolado, mas foi recebido de braços abertos em sua época, tanto por argentinos quanto por judeus. Borges era amigo e admirador de Gerchunoff. Embora ele não tenha escrito sobre *Los gauchos judíos*, celebrou seu estilo como “preciso e belo”. No entanto, em apenas uma década, as visões esperançosas de Gerchunoff desmoronaram. Em 1919, a *Semana Trágica*, primeiro “pogrom” a acontecer nas Américas (alguns historiadores não o descrevem como um pogrom, mas como uma disputa trabalhista), deixou centenas de pessoas mortas,

feridas e presas. Os judeus tiveram o maior número de vítimas. A partir desse momento, Gerchunoff desistiu de qualquer utopismo em relação à Argentina; em vez disso, tornou-se um ardente sionista.

Ao contrário de Zweig, não foi manipulado por um ditador. A luta ideológica natural do ambiente deixou claro para os outros qual era realmente sua provação.

LK: O otimismo em relação ao futuro nas Américas, que tanto Zweig quanto Gerchunoff expressaram em algum momento de suas vidas, não durou muito. Ambos foram rapidamente desenganados em suas esperanças, em sua ilusão de que a América do Sul era o continente da realização de seus sonhos: a realidade, na verdade uma amarga realidade, logo se impôs sobre eles, e a dor da desilusão foi, a meu ver, o que levou tanto ao fim trágico de Zweig quanto à “conversão” de Gerchunoff ao sionismo.

O tema da esperança exaltada seguida da desilusão é, à sua maneira, um tema muito judaico: considere todas as esperanças que os judeus, tanto na Europa Ocidental como posteriormente na Europa Oriental, nutriram durante o século XIX, o século do progresso: dezenas e dezenas de escritores, filósofos e teólogos foram inflexíveis em sua crença de que a Revolução Francesa e, mais do que isso, as novas ideias propostas pelo Iluminismo, eram os precursores de uma nova era, uma era de segurança, igualdade, riqueza e bem-estar. Essa firme crença foi, afinal, o que levou os judeus a lutarem pela emancipação e também a deixarem para trás o passado dos guetos e *shtetls*. Quando foi impossível permanecer cego ao fracasso da integração dos judeus às sociedades europeias, novos sonhos futuristas substituíram a confiança que eles haviam depositado anteriormente na “civilização” europeia: o sionismo é um deles; o socialismo, particularmente a revolução bolchevique, é outro. Um terceiro é a emigração para as Américas, um continente cuja lendária riqueza se confirmava, para os que deixavam o *shtetl*, pelo fato de que, no Novo Mundo, todos podiam comer uma laranja por dia, algo considerado um luxo extravagante na Europa Oriental da virada do século. Toda essa *mishmash* de projeções futuristas é retratada com maestria por Scholem Aleichem em *Tevye, o Leiteiro*. As filhas de Tevye deixam para trás o invólucro da tradição e da crença religiosa, em favor de diferentes tipos de utopias: vida burguesa, socialismo, conversão, emigração para o Novo Mundo, sionismo.

Parece-me que todos esses sonhos projetados em outros lugares – a civilização burguesa, a reconstrução de Israel, o paraíso proletário ou a notável riqueza natural das Américas – são paralelos a duas ideias religiosas que desempenham um papel cardinal na

tradição judaica: um deles é o conceito de Terra Prometida; o outro é o da era messiânica. Ambos estão associados a outros lugares e outros tempos. As glórias do passado bíblico, por um lado, e a esperança de um retorno a essas glórias, por outro, moldaram a imaginação judaica por séculos e criaram certos padrões que parecem se repetir. Esse tipo de imaginação, afirmo, também tornou os judeus presas muito fáceis de ilusões em relação a lugares e tempos diferentes dos seus. E, claro, isso lhes causou ilusões amargas.

Por favor, permita-me ficar muito pessoal neste momento. Quero lembrar a época em que você e eu éramos estudantes em Nova York, no Jewish Theological Seminary of America [Seminário Teológico Judaico da América] e na Universidade de Columbia. Você havia deixado seu México natal para trás, eu havia deixado o Brasil. Para ambos, Nova York se prestava às nossas projeções utópicas. Estávamos fascinados com as bibliotecas e livrarias, as oportunidades de desenvolver nossas carreiras; em outras palavras, por um tempo acreditamos ter encontrado “o lugar”. Você falava da América Latina como um continente de infinitas vicissitudes, onde todos os empreendimentos intelectuais estavam destinados ao fracasso, enquanto eu tinha um medo terrível de me perder na agitação da vida norte-americana, de nunca me encontrar em uma língua estrangeira, e que, receava, nunca se tornaria minha.

IS: *Tevye, o Leiteiro* é o melhor romance judaico já escrito. Eu não estou sendo jocoso. Para começar, não foi projetado como um romance em si. Scholem Aleichem o escreveu na forma de histórias inter-relacionadas durante um período de mais de quinze anos: a primeira foi publicada em 1894; o livro em si, como uma narrativa das várias filhas de Tevye (há oito capítulos e seis filhas: Beilke, Chava, Hodel, Shprintze, Taybele e Tzeitel), apareceu em 1911. No entanto, mesmo em sua estrutura fraturada, recria, com uma urgência impressionante, a desintegração da vida judaica tradicional na Zona de Assentamento no início do século XX. A desilusão sobre a qual você medita está em seu cerne. Tevye, ao longo do livro, conversa com Deus, que atua como uma espécie de terapeuta. Conta a Ele que se sente solitário, desorientado, abandonado, sem esperança. No entanto, de maneira profundamente humorística (e essa, certamente, é sua maior força), ele sobrevive.

Scholem Aleichem tem uma famosa história “ferroviária” [*The Railroad Stories*] que fala sobre a imigração para as Américas, essa terceira opção redentora que você listou. É, como quase sempre acontece em sua obra, de natureza dialógica: dois homens, nesse caso dois estranhos, falam um pouco sobre seu mundo em desmantelamento, depois se separam com menos facilidade do que quando se reuniram. Um deles, “o homem de Buenos Aires”, está claramente envolvido em negócios escusos. Ele fica rico, mas exatamente de que maneira não

está claro. A menos que você fosse contemporâneo do próprio Scholem Aleichem e soubesse que, em seu tempo, uma das correntes mais perniciosas na vida dos imigrantes judeus era o “comércio sexual” de jovens donzelas do *shtetl* para os bordéis argentinos – o que veio a ser conhecido como *Tzvi Migdal*. Aí, mais uma vez, o desencanto, o cinismo que você explorou. No entanto, não vejo isso como uma característica primordial da existência judaica. Os judeus sempre se imaginam saindo de situações comprometedoras; essa, para mim, é nossa característica mais marcante. Que os sonhos azedam é um tema recorrente, mas isso não é exclusivo dos judeus; acontece com todo mundo. Abba Ebban, o diplomata britânico que se tornou uma figura política israelense fundamental, disse uma vez que os judeus são exatamente como todos os outros, exceto um pouquinho a mais. Eu modificaria um pouco a afirmação: somos de fato como todo mundo, mas com uma capacidade maior de imaginar-nos em universos alternativos.

Lembro-me com muito carinho, no final dos anos oitenta, de nosso tempo juntos em Nova York. Você está certo: nós dois usamos a cidade como trampolim. Ao olhar para trás, percebo agora que para mim foi uma espécie de reversão à visão de meus avós do México como uma terra prometida. Eles chegaram nos anos 20, fugindo da pobreza, do antissemitismo e da estagnação social. Com um espírito empreendedor, nas Américas encontraram uma maneira de se reinventar, passando para a classe média em algumas décadas, de onde impulsionaram seus filhos. Essas crianças – meus próprios pais, nascidos nos anos trinta e quarenta – prosperaram de um modo que teria sido inimaginável no tempo de Tevye. No entanto, para mim, um jovem intelectual nos anos oitenta, o México representava também estagnação, rigidez e apatia artística. Os limites da comunidade judaica mexicana eram muito estreitos, muito confinantes. Eu queria sonhar além, de forma mais aventureira. Nova York me concedeu esse presente.

Você e eu morávamos em um apartamento na Broadway com a rua 121. Estávamos longe de nossas terras natais e falando um novo idioma, o inglês, que agora estamos usando para nos comunicar. Nossas jornadas tomaram direções diferentes. Mas há uma constante: a América Latina judaica, parece-me, continua sendo um sonho, por mais ilusório que seja. Você voltou para São Paulo, tornando-se professor de literatura judaica lá. Embora eu nunca tenha voltado permanentemente ao México, eu [...] “fracassos”, como você se lembra de mim dizendo, estão no centro de tudo o que faço.

LK: Você menciona “fracasso”, que não pode ser pensado exceto como o oposto de “sucesso”. A sociedade norte-americana se baseia nessa distinção entre fracasso e sucesso. Isso contrasta

abertamente com a maneira judaica tradicional de ver a vida e o mundo. A noção de “fracasso” e a noção de “sucesso” não se encaixam no mundo que Tevye foi forçado a deixar para trás; nem suas filhas saíram do *shtetl* em busca de “sucesso”: elas estavam simplesmente tentando sobreviver em um ambiente que era insuportavelmente hostil. A maioria dos judeus veio para as Américas – incluindo a América Latina – não em busca de “sucesso”, mas porque esperavam encontrar lá um *galut* menos insuportável, um exílio menos insuportável.

Estou certo de que esse foi o caso de seus avós: eles não procuravam o paraíso na terra nem sonhavam tornar-se magnatas dos negócios, mas sim, buscavam um lugar onde pudessem continuar suas vidas, criar suas famílias, com algum grau de segurança e conforto. O exílio, assim como a vida na terra, é visto no judaísmo tradicional como uma condição transitória. Nesse sentido, vários escritores judeus expressaram uma espécie de indiferença em relação ao seu novo ambiente na América do Sul. Como exemplo, considere outro escritor iídiche que lhe é muito caro: Isaac Bashevis Singer, que escreveu um conto, “Uma Noite no Brasil” (1974). Ali, ele não olha para aquilo que olha em termos de “fracasso” ou “sucesso”; antes, retrata a vida judaica no Brasil e na Argentina como uma mera continuação do que era a vida na Polônia, exceto que os assassinos parecem estar um pouco mais distantes e, portanto, o local parece ser um pouco melhor. A América — a América Latina ou a América do Norte — não são, para ele, senão novos episódios no drama judaico do *galut*: a redentora ideia americana de “sucesso”, de “conseguir”, é impiedosamente ridicularizada por Singer em todos os seus escritos sobre os Estados Unidos.

De qualquer forma, há outra questão muito importante sobre a situação dos judeus na América Latina em relação à sua situação na Europa que está ligada à questão de raça e cor. Você mencionou um pogrom que aconteceu na Argentina: de fato, há uma longa história de antissemitismo violento na Argentina, da qual o episódio nunca elucidado do atentado terrorista ao prédio da AMIA em Buenos Aires há vinte e sete anos, que resultou na morte de 85 pessoas, é o capítulo mais trágico. No entanto, no Brasil – e também no México – a situação é completamente diferente: embora o regime de Vargas proibisse, com poucas exceções, a emissão de vistos de imigrantes para judeus no final dos anos 1930 e início dos anos 1940, e ainda que houvesse círculos antissemitas no país e em seu governo, via de regra, os judeus eram muito bem-vindos pela maioria da população, como mostra o livro de Jeffrey Lesser, *Welcoming the Undesirables* (1995). A sociedade brasileira é racista. E 99,99% dos membros da classe dominante são brancos. A questão é que os judeus também eram considerados brancos (e europeus) pela grande maioria da população do país. Em outras palavras, vindos da Europa, onde eram desprezados por serem judeus, uma vez instalados no Brasil, geralmente eram vistos

como brancos, ou seja, como membros da classe dominante, por isso sua posição em relação à sociedade como um todo mudou completamente.

Um dos motivos do interesse de Zweig pelo Brasil está ligado a esse fato. Antes do nazismo, na Áustria, ele estava acostumado à sua situação de membro da elite: seu charme aristocrático, aliado à sua riqueza e ao sucesso literário internacional, lhe garantiam essa posição social. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, ao contrário, ele se tornara um refugiado desafortunado que era visto por todos como judeu e como alemão, ou austro-alemão. Muito do bem-estar que esperava reencontrar no Brasil estava ligado ao fato de que, como “europeu”, continuava sendo objeto de admiração e respeito.

IS: Entendo seu ponto de vista sobre a dicotomia sucesso/fracasso. É essa, de fato, a lente através da qual a visão atual de progresso é avaliada. Isso não estava presente em épocas anteriores, pelo menos não no grau – a obsessão – que se percebe hoje. Ainda assim, a fuga de Tevye, antes de mais nada relacionada à sobrevivência, vai além desse lugar-comum. Ele, junto com nossos ancestrais imigrantes, assim como qualquer outro imigrante em qualquer lugar do mundo, começa escapando da miséria. Mas o sonho de uma vida melhor já está contido nesse desejo.

Seja como for, discordo de que o oposto do sucesso é o fracasso. Montaigne, em seu ensaio *Dos canibais* (1580), que influenciou Shakespeare enquanto compunha *A Tempestade* (1610-1611), sugere que existem fracassos mais belos – talvez até mais bem-sucedidos – que o próprio sucesso. Eu acredito totalmente nisso, assim como acredito que existem sucessos mais dolorosos – e mais bonitos também – do que fracassos. Assim é, em grande parte, como eu conduzo minha vida. Isso fica evidente quando se olha para as coletividades. Os Estados Unidos podem se apresentar como um modelo “bem-sucedido”, mas, embora seus princípios sejam sólidos, no fundo está podre. Por outro lado, o México, frequentemente visto como um fracasso irresoluto, é mais bem-sucedido em várias frentes. Tudo isso para dizer que sucesso/fracasso é uma falsa dicotomia. Os judeus se encontram com frequência em situações complicadas que apenas na superfície parecem ser “ou...ou”.

A história de Singer “Uma Noite no Brasil”, assim como outras que ele escreveu sobre a Argentina e Cuba, é, bem, uma das menos exitosas, embora não tenha sido um fracasso total. Serve como uma janela útil para apreciar suas visões sobre os mundos de língua espanhola e portuguesa, que visitou muito brevemente. Essas, aos seus olhos, são paisagens turbulentas, corruptas, infestadas de mosquitos, com poucas promessas de uma vida melhor, para judeus ou

para qualquer outra pessoa. Singer era um fabulista maniqueísta. Ele era melhor imaginando *dybbuks*, *golens* e *goblins*, ou pessoas controladas por sua libido, do que observando nuances culturais.

Minha principal reação ao seu último comentário, no entanto, é completamente diferente. Sem dúvida, a branquidão dos imigrantes europeus na América Latina, incluindo nossos ancestrais (e nós mesmos!), moldou sua jornada socialmente ascendente. A estratificação de nossa civilização gira em torno de riqueza e raça e, também, religião. No entanto, embora eu esteja convencido de que a conversa global que estamos tendo hoje em torno da raça é crucial, o objetivo é reduzir quase todas as interações à cor da pele. “Reduzir” é aqui o termo-chave. Estamos presos a um reducionismo perigoso. Sim, precisamos de mais diversidade, mais pluralismo e mais democracia, tudo baseado em representações iguais. No entanto, todos nós somos mais do que a soma de nossas partes. Os judeus vêm em muitas formas: religiosos, ateus e agnósticos e, dentro dessa variedade, podem ser ortodoxos, conservadores, reformistas, reconstrucionistas e uma série de outras possibilidades; eles também são asquenazes, sefarditas, mizrahi etc.; brancos, pretos, mestiços, asiáticos e assim por diante; e outras dimensões. Judeus não brancos no México (mestiços, negros) têm prosperado, assim como judeus brancos têm fracassado. O mesmo acontece em outras partes do planeta. E os fracassos, novamente, podem ser mais emblemáticos que os sucessos.

LK: De um modo geral, o “sucesso” da emigração judaica para a América Latina está associado ao fato de que, pelo menos em um país como o Brasil, a maioria dos judeus têm conseguido encontrar uma situação de vida confortável ou algo confortável, apesar do fato de que, para muitos deles, isso também tem significado negligenciar sua tradição religiosa, a língua e a cultura de seus ancestrais para assimilar-se à sociedade burguesa. A luta pela assimilação e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de assimilação é um tema que outro escritor que você admira muito, Moacyr Scliar, tratou em seus romances. Apesar de todos os seus esforços para “tornar-se” brasileiros, argentinos, uruguaios ou mexicanos, os judeus continuam diferentes e na verdade me parece que só se tornam brasileiros, argentinos, uruguaios ou mexicanos quando saem do Brasil, Argentina, Uruguai ou México para se estabelecerem em outro lugar, ou seja, identificam-se mais com o país de origem do que com o país em que vivem.

Você, por exemplo, se tornou um nome importante nos estudos latino-americanos nos Estados Unidos, mas, enquanto estive no México, acredito que nunca se viu antes de tudo como mexicano. Minha família mora no Brasil há quase um século e, no entanto, muitas vezes, quando encontro pessoas em minha cidade natal, me perguntam: “de onde você vem?”. Não

tenho dúvidas de que pareço estrangeiro e até o meu português tem um leve sotaque, ligado ao fato de que, na minha infância, a língua falada em minha casa era o alemão. O que, por sua vez, aponta para o que eu disse antes: os judeus muitas vezes parecem estar mais apegados à terra que deixaram para trás, mesmo que ali tenham sido perseguidos, do que à terra em que vivem. No Brasil, a comunidade judaica se organizou de acordo com a origem: havia sociedades compostas por judeus poloneses, judeus bessarábios, judeus alemães e austríacos, judeus lituanos e, posteriormente, judeus egípcios, judeus sírios etc. Para mim, a persistência do apego dos judeus do Leste Europeu ao iídiche, a língua que seus ancestrais haviam levado consigo para a Polônia quando foram expulsos da Alemanha na Idade Média, ou a persistência da ligação dos judeus sefarditas ao ladino, mostra o quanto era importante para eles.

Essa luta é um ato de resistência à história e seus desastres: durante séculos os judeus viveram na Europa Oriental usando duas línguas trazidas de outros lugares – o iídiche, da Alemanha, e o hebraico, de Israel. O mesmo vale para os judeus sefaraditas nas costas sul e leste do Mediterrâneo. Em outras palavras, parece que, no mundo judaico, pelo menos até recentemente, talvez fosse mais importante olhar para o passado do que para o futuro – ou para o evento no presente. Toda a ideia messiânica judaica está, afinal, associada à reconstrução de um estado de coisas “original”: Jerusalém, o Templo, o *kibutz galuyot* como utopia restauradora. E, no entanto, as Américas são, acima de tudo, o “Novo Mundo”, o mundo do futuro, onde o passado não tem valor. A memória, que sempre moldou a cultura e a identidade judaicas, não desempenha papel algum na América do Norte ou do Sul. Como afirma Claude Lévi-Strauss, em *Tristes trópicos*: (1955): “Pour les villes européennes, le passage des siècles constitue une promotion; pour les américaines, celui des années est une déchéance. Car elles ne sont pas seulement fraîchement construites : elles sont construites pour se renouveler avec la même rapidité qu’elles furent bâtis, c’est-à-dire mal... Certaines cités d’Europe s’endorment doucement dans la mort; celles du Nouveau Monde vivent fiévreusement dans une maladie chronique; perpétuellement jeunes, elles ne sont pourtant jamais saines.”<sup>2</sup> Na verdade, fico surpreso ao ver a rapidez com que os judeus nas Américas esqueceram as línguas de seus pais e avós, seja o iídiche, o ladino, o alemão ou o árabe, como se a generosidade do Novo Mundo tivesse funcionado para eles como uma droga poderosa, assim como na Ilha dos Comedores de Lótus.

---

<sup>2</sup> “Para as cidades europeias, a passagem dos séculos constitui uma promoção; para as americanas, a dos anos é uma decadência. Pois elas não são apenas recém-construídas: são construídas para se renovarem com a mesma rapidez com que foram construídas, ou seja, mal... Certas cidades da Europa adormecem suavemente na morte; as do Novo Mundo vivem febrilmente em uma doença crônica; perpetuamente jovens, nunca, porém, saudáveis”.

IS: Não é isso que todos os imigrantes fazem – recriar, no novo lar, os parâmetros do antigo? São seus filhos os que se afastam desse modelo, apenas para que seus netos sintam saudades dele. Não estou convencido do seu argumento. Os judeus da América Latina, cerca de meio milhão, são muito diversos para que se possa agrupá-los. Existem sonhadores e realizadores, consentidores e divergentes, tradicionalistas e idealistas, e assim por diante. Com efeito, essa diáspora, como qualquer outra, está em constante renovação. Recentemente, me interessei pelo rabino Marshall Meyer, uma figura religiosa nascida no Brooklyn que foi fundamental na construção do Movimento Conservador na Argentina. A principal escola teológica de lá, que atende inúmeras comunidades, leva seu nome: Seminario Rabínico Latinoamericano. Eu quero escrever um pequeno livro sobre ele, que se levantou contra a junta militar durante a Guerra Suja, abriu caminho para um diálogo único entre judeus e cristãos que moldou indiretamente o Papa Francisco, quando ainda era o Cardeal Bergoglio. Mas também foi intimidado — e perseguido — para fora de Buenos Aires pela ala mais tradicionalista da comunidade judaica. Por meio do rabino Meyer, é possível acompanhar as mudanças sísmicas dos judeus argentinos – ideológicas, religiosas, culturais – que, como você sabe, é a maior e mais significativa da região.

A citação de Lévi-Strauss, como você a apresentou, é enganosa. A denominação “Novo Mundo” para a América Latina, a concepção de que é o mundo do futuro, está ultrapassada; é uma visão renascentista que desmoronou com o passar do tempo. Na verdade, o passado, entre nós, é incrivelmente importante, muito mais, poderia dizer, do que, por exemplo, nos Estados Unidos. Nossas civilizações indígenas são nossa âncora. Cidades perdidas como Machu Picchu, no Peru, se tornaram museus. K’iche’, aimará, náuatle e outras línguas palpitam em nosso espanhol e em outras línguas modernas. Somos, claro, uma utopia; mas inspirada no passado. Não me surpreende que, quando H. G. Wells imaginou sua história “O País dos Cegos” (1904), ele a tenha ambientado na fictícia montanha equatoriana de Parascotópetl. Para os judeus, isso é especialmente fascinante: a Jerusalém fossilizada antes do governante selêucida Antíoco em 169 AEC; ou a Jerusalém dourada imaginada pelos judeus babilônicos em seu exílio; ou a mítica “chave da porta perdida” sonhada pelos judeus sefarditas depois de 1492. Quando Colombo chegou em suas três caravelas, a Niña, a Pinta e a Santa María, ele tinha judeus convertidos entre os tradutores de sua tripulação. Um deles acreditava que a língua indígena que ouvia na Bacia do Caribe era uma variedade do hebraico bíblico: haja fixação com o passado!

Moacyr Scliar era meu amigo querido. Foi uma amizade que durou vinte e cinco anos: conhecemos-nos em Porto Alegre em 1986 e ele faleceu em 2011. Várias vezes viajamos juntos pelos Estados Unidos, fazendo apresentações. Ele era um humanista alegre com uma capacidade impressionante de inventar universos alternativos. Seus contos e romances exploram os “e se” da história judaica: e se Karl Marx tivesse imigrado para o Brasil? E se uma mulher fosse, na verdade, a autora da Bíblia? E se pudéssemos ser meio humanos, meio animais? E se Kafka tivesse um gato? Seus personagens sofrem um destino inclemente: o Brasil, para eles, não é o paraíso; é, em vez disso, uma espécie de teatro onde eles ensaiam identidades rotativas, o que significa que nunca sabem quem são. Da mesma forma, quero imaginar mundos paralelos. E se Anne Frank não tivesse morrido em Auschwitz e tivesse se estabelecido na Cidade do México? E se os jesuítas não tivessem sido expulsos da América Latina em 1758 por José I de Portugal e, em vez disso, tivessem expandido suas reduções na Argentina, Paraguai e outros lugares, convidando os judeus? E se o Todo-Poderoso, na verdade, tivesse implantado o Jardim do Éden na América Latina?

Um último pensamento a respeito de seu comentário sobre a perda da língua: em comparação com outras diásporas judaicas, a América Latina é extraordinariamente poliglota. Espanhol, português, ídiche, hebraico, ladino, inglês, francês, alemão, russo... Olhe para os judeus norte-americanos: em nenhum momento da história judaica houve um capítulo mais assustadoramente monolíngue. Falar dois, três, quatro, cinco idiomas permite que você exista em múltiplas dimensões. Isso é um triunfo?

LK: O fato de que a concepção da América Latina como “Novo Mundo” tenha se tornado ultrapassada em nossos dias certamente não significa que ela se tornara obsoleta na época em que a maioria dos imigrantes judeus chegou a esta parte do mundo, ou seja, a primeira metade do século passado, quando o solo europeu começou a arder sob seus pés. E, no entanto, acredito que a maior parte das esperanças associadas a essa “nova” parte do mundo foi gradualmente abandonada a partir dos anos 1960 e 1970, à medida que os países latino-americanos começaram a sofrer uma sucessão aparentemente interminável de crises políticas, econômicas e sociais. Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, por exemplo, eram governados por juntas militares que, com efeito, corroeram irremediavelmente o tecido social e esses países, desde então, se tornaram vítimas de injustiças sociais estruturais, com todas as suas consequências, ou seja, desemprego, altas taxas de criminalidade, etc.

Para uma parte significativa dos judeus latino-americanos essa situação se tornou insuportável. Judeus argentinos, por exemplo, emigraram em massa e o tamanho da comunidade caiu mais de 40% nos últimos cinquenta ou sessenta anos. O mesmo vale para a comunidade uruguaia, enquanto no Brasil a comunidade também vem registrando crescimento negativo há mais de duas décadas. Não seria exagero dizer que, ao menos para os judeus, a América Latina deixou de ser o “continente do futuro”: mesmo aqueles que não emigram, pensam em fazê-lo ou incentivam seus filhos a fazê-lo. Estivemos recentemente juntos em uma conferência na Universidade de Giessen, com o tema “*El sueño europeo*” [o sonho europeu]: durante três dias, acadêmicos de diferentes países da América Latina apresentaram seus pontos de vista e indicaram consistentemente que, na imaginação latino-americana, o “continente do futuro” está paradoxalmente deixando de ser a América do Norte e se tornando, cada vez mais, a Europa. E isso inclui os judeus latino-americanos, que estão, em muitos casos, lutando para obter passaportes europeus. Tenho certeza de que seus avós ficariam chocados se descobrissem que você solicitou um passaporte polonês.

A respeito da relevância do passado nos países latino-americanos, seu argumento é ao menos parcialmente enganoso. Claro, você está certo quando diz que Machu Pichu se tornou um grande e valoroso museu, mas sua importância como um notável local do turismo mundial – e como uma fonte de renda muito significativa para o Peru – não reflete de forma alguma o respeito e o peso que a civilização, a cultura e a língua nativas peruanas têm na sociedade contemporânea desse país. Com poucas exceções, os descendentes dos nativos estão na base da sociedade e permanecem submetidos a uma elite branca, de ascendência europeia. Isso não é muito diferente no México: a desigualdade racial da sociedade mexicana chama a atenção de qualquer visitante, mesmo que esse visitante venha de um país como o Brasil. Enquanto isso, no Brasil, até hoje a população indígena está sendo vitimada pela destruição dos últimos resquícios de seu ambiente nativo na Amazônia, onde caçadores de ouro e ocupantes ilegais de terras indígenas são liberados por nosso desastroso governo, levando à destruição maciça de florestas, poluição de rios e, para piorar, doenças contagiosas como a COVID-19. De forma alguma, portanto, seria possível dizer que, pelo menos no que diz respeito ao Brasil, “as civilizações indígenas são nossa âncora”. E o mesmo vale para a Argentina, onde, durante o século XIX, a população nativa foi exterminada por colonizadores brancos genocidas.

Outro ponto com o qual dificilmente posso concordar é sua visão dos judeus da América Latina como um grupo poliglota: quantos dos judeus que são filhos e netos de imigrantes ainda conhecem a língua de seus ancestrais? Você mencionou o iídiche, o alemão, o ladino, o russo, e pode-se acrescentar o árabe e o característico francês de traços árabes da *Alliance Israélite*

*Universelle*, que foi trazido para a América Latina por imigrantes judeus do Egito, Síria, Líbano e Marrocos. Mas todas essas línguas estão agora mortas ou meio mortas na América Latina! Ao contrário do que aconteceu com o iídiche na Europa Oriental e com o ladino no norte da África ou no Oriente Médio, onde essas línguas sobreviveram durante séculos apesar de terem sido deslocadas e cercadas por línguas árabes ou eslavas, as línguas dos imigrantes judeus estão praticamente extintas na América Latina: tudo o que há são alguns resquícios dispersos aqui e ali, sem perspectiva de futuro alguma. No entanto, o caso do hebraico é totalmente diferente: as escolas judaicas ensinam a seus alunos a língua do Estado judeu, mas esse Estado judeu foi criado com base em uma ruptura com as diásporas europeias, africanas e asiáticas, e não com base em algum tipo de continuidade.

IS: Valorizo muito esse diálogo, Luis. Discordamos em várias frentes, como fazíamos quando morávamos juntos na esquina da Broadway com a rua 121, embora eu não saiba quão profundamente. Embora a imigração para os Estados Unidos permaneça uma constante, está claro que esta nação (escrevo agora do Brooklyn, Nova York) é uma bomba-relógio. Tenho fortes dúvidas sobre sua fibra democrática e sua missão pluralista. Donald Trump, a meu ver, é uma figura não muito diferente de Juan Domingo Perón na Argentina e Hugo Chávez na Venezuela: um homem forte, populista cujos instintos dependem da desestabilização do discurso cívico. A Europa é um ímã de imigração apenas para certos tipos de recém-chegados: os judeus são bem-vindos, mas não os árabes, a menos que sejam oligarcas; mestiços e indígenas da América Latina são percebidos como mão de obra barata dócil. Assim como o grande tema do século XX foi a linhagem de cor, o principal, neste, é a imigração definida pelas mudanças climáticas, ou vice-versa. À medida que os recursos naturais se tornam escassos e são acumulados em poucas mãos, o racismo, o classismo, a xenofobia e outras formas de ódio provavelmente aumentarão, se é que isso ainda é possível.

A América Latina, obviamente, não estará livre desse conflito. Inspirado em *Khurbn Galicia* (1963), de S. Ansky, também conhecido como *The Enemy at His Pleasure: A Journey Through the Jewish Pale of Settlement During World War I*, o trabalho etnográfico em Volínia e Podólia entre 1911 e 1914, no qual narrou, por assim dizer, o começo do fim da “Yiddishland” (por exemplo, judeus ashkenazi), em *The Seventh Heaven* eu me aprofundi no que me parece uma questão urgente, mas pouco abordada: que tipo de futuro os judeus latino-americanos terão nos próximos setenta e cinco anos? Já houve imigrações em massa para Israel (na forma de *Aliyah*), Estados Unidos, Canadá e Europa. Elas vão se intensificar? Certamente, embora eu

não acredite que essa reviravolta encerrará completamente este capítulo da diáspora judaica. Conseguir um passaporte polonês, não só para mim, mas para meus dois filhos, é e não é parte da tendência. Todos nós já moramos longe, mesmo que nos sintamos mexicanos (e, por sinédoque, latino-americanos). Como você sugere, centenas de judeus, senão milhares de outros na Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina e Brasil estão fazendo o mesmo. Mas a meu ver (minha mãe e outros familiares estão entre eles, assim como dezenas de amigos), para eles esta é apenas uma medida de precaução: não uma fuga em si, mas um mecanismo de fuga. Havia dois tipos de judeus na Zona de Assentamento na primeira metade dos anos 1930, os pessimistas e os otimistas: os pessimistas procuravam emigrar, os otimistas não tiveram tanta sorte. Qualquer que seja o resultado, para mim a vida judaica na América Latina, desde o período colonial até o presente, é um extraordinário mosaico de possibilidades. Vejo perspicácia onde, se entendo bem, você vê “empobrecimento”.

No entanto, tal como mencionado, mais uma vez, em meu diário de viagem *The Seventh Heaven*, francamente não sei até que ponto é útil olhar para os judeus latino-americanos como uma entidade compacta. Embora certas características sejam vistas além das fronteiras, trata-se de indivíduos heterogêneos: conversos e cripto-judeus; moradores do Levante provenientes de várias regiões otomanas; europeus orientais de língua ídiche que pertenciam a um amplo espectro religioso, político e cultural; refugiados, sobreviventes e outros ligados à Shoah; israelenses; Chabad; convertidos; e assim por diante. Poderíamos aplicar a eles uma abordagem universalista – vamos chamá-la, com humor, “bolivariana”; ou então, poderíamos vê-los como partes contrastantes de um agregado disfuncional. Estão alguns desses judeus latino-americanos totalmente integrados ao seu ecossistema? Acredito que estejam, pelo menos, tão integrados quanto qualquer imigrante e seus descendentes poderiam estar em uma região desigualmente conhecida por suas políticas de acolhimento de imigrantes. Eles são certamente membros ativos dessas sociedades democráticas: políticos, jornalistas, educadores, cientistas, artistas, líderes religiosos, ativistas, tecnocratas e tudo mais.

Quanto ao papel do passado indígena em nosso continente, eu passei as últimas duas décadas investigando-o. Entre outras empreitadas, no ano passado publiquei um relato (não uma tradução, mas uma reinvenção) do *Popol Vuh* (2020), o livro de origens K'ich'e. Também fiz um bestiário de criaturas imaginárias da Mesoamérica pré-colombiana. William Faulkner, que me parece um escritor latino-americano que por acaso nasceu em New Albany, Mississippi, acreditava que “o passado nunca está morto; nem mesmo é o passado.” Na minha opinião, nosso passado indígena está mais do que gravado no DNA da região; é, essencialmente, uma forma de mandato. Como você e como todos os que têm o mais mínimo entendimento da

história, sinto remorso por sua destruição e procuro maneiras de recuperá-lo. Também guardo, no meu espelho frontal, a frase de Walter Benjamin na tese VII de *Sobre o conceito de história*, muitas vezes referida como “Tese sobre a filosofia da história” (1942), que está relacionada com a pintura de Paul Klee “Angelus Novus”: “Não há documento de civilização que não seja ao mesmo tempo um documento de barbárie. Frequentemente alvo de animosidade insaciável, nós judeus entendemos muito bem: um passo à frente é feito após vários passos para trás.

Mais um pensamento em relação ao multilinguismo: por várias razões, os judeus têm sido uma verdadeira máquina de fazer línguas: ídiche, ladino, persa-judeu, italiano-judeu e muitos mais. (O linguista da Universidade Bar-Ilan, Barnard Spolsky, calcula cerca de trinta e seis). Essas são todas as chamadas línguas “intra”, isto é, línguas usadas pelos judeus para se comunicarem entre si em momentos históricos precisos. Outra faceta é a vida poliglota judaica: a capacidade de falar duas, três ou mais línguas não-judaicas. Você e eu estamos nos comunicando em inglês, seu terceiro idioma, se estou correto, e meu quarto. Os judeus de hoje abandonaram completamente essa dimensão? Talvez no coração do império americano, mas não em outros lugares: Israel, Europa, África, Ásia e América Latina.

LK: Acredito que sua abordagem, em *The Seventh Heaven*, ao olhar para os judeus latino-americanos como uma entidade majoritariamente heterogênea, é absolutamente correta, e isso está de alguma forma ligado ao fato de que, no mundo contemporâneo, as “fronteiras” que separam os diferentes grupos há muito deixaram de ser fronteiras nacionais, ou apenas fronteiras nacionais, e se tornaram uma questão muito mais complicada: as fronteiras existem dentro dos países, dentro das cidades, dentro das sociedades e dentro das comunidades judaicas, de modo que os bairros ricos em cidades como Buenos Aires, São Paulo ou Cidade do México me parecem ter muito mais em comum com, digamos, Saint-Germain de Près, em Paris, o Upper West Side, em Manhattan, ou qualquer outro bairro elegante ou badalado dos países “ricos”, do que com o entorno imediato. Não só isso, os moradores desses bairros na América do Sul certamente estão acostumados a se locomover por bairros “bons” em qualquer lugar do mundo, mas dificilmente algum deles já pôs os pés nos bairros pobres e violentos de suas próprias cidades nativas. Por outro lado, também me parece que os bairros pobres de qualquer parte do mundo tendem a assemelhar-se cada vez mais entre si do que aos bairros ricos próximos a eles. E isso também inclui o aspecto étnico: recentemente fui de trem do aeroporto Charles de Gaulle a Paris. Essa linha atravessa os bairros operários ao redor de Saint Denis. Nem um único passageiro branco nativo francês embarcou no trem para lá: a população local

parece consistir exclusivamente de africanos, asiáticos, latino-americanos e outros desfavorecidos procedentes de países pobres.

O que estou tentando dizer é que os conceitos de Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo não parecem mais fazer sentido à medida que o capitalismo global se expande e torna as cidades cada vez mais semelhantes entre si, com seus bairros “bons” e “ruins”, com os seus ricos, que vivem em crescente ostentação, com as mesmas lojas e as mesmas mercadorias, e também com os seus despossuídos. Obviamente há uma questão de escala e, claro, essa escala não é a mesma em todos os lugares, mas acredito que há uma clara tendência à uniformidade. Em outras palavras, aqueles que são ricos, os abastados, se parecem muito mais com seus pares em outros países do que com os carentes em seus próprios países. E isso vale também para a sociedade israelense: o Estado judeu, que foi fundado para se tornar um lar para todos os judeus, independentemente de sua origem étnica, cultural ou econômica, tornou-se uma das sociedades mais desiguais do mundo ocidental e, desde sua criação, tem empurrado os judeus africanos ou asiáticos para as margens de sua sociedade. Então me parece que a questão não é mais a “nação” ou “o continente”, mas a classe social à qual se pertence. É ali que passar de um lado para o outro se torna cada vez mais difícil. É ali que estão as fronteiras realmente fechadas em nosso mundo. Se isso for verdade, então toda a nossa discussão é de alguma forma anacrônica. Hoje em dia, milhões de pessoas – inclusive você e eu – têm duas, três ou até quatro cidadanias diferentes, o que teoricamente permite viver, na prática, em qualquer parte do mundo. Mas mudar-se para outro país também é, cada vez mais, ficar onde você está, por assim dizer, embora em outro lugar. Em seu romance fenomenal *A Guest for the Night*, S. Y. Agnon faz o narrador dizer algo assim como “no passado, as pessoas se mudavam para outros lugares e isso mudava seu destino, enquanto hoje em dia o destino de alguém o acompanha aonde quer que vá”: conforme os estados nacionais e os governos nacionais se tornam, cada vez mais, simplesmente administradores de partes específicas da máquina da economia mundial, fica claro que dinheiro e classe social e não política, ideias ou cultura, governam o mundo em que vivemos. Agora, essa oposição entre poder econômico e solidariedade judaica, ou seja, a ideia bíblica da unidade do povo judeu, tornou-se um problema há mais de dois séculos, com a emancipação dos judeus na Europa Ocidental e sua integração na sociedade burguesa. Esse fenômeno não deixou de se tornar cada vez mais significativo. As fronteiras nacionais e geográficas deram lugar a fronteiras de classe cada vez mais difíceis de atravessar.

Então, voltando ao início de nossa conversa, parece-me que a história dos judeus não deveria mais ser escrita de acordo com a geografia, mas de acordo com o status social.

IS: Existem várias maneiras de tratar seu argumento. É verdade que as classes sociais se espelham entre si além das fronteiras nacionais, resultando em semelhanças mais substanciais – e, portanto, com um vínculo mais forte – do que quaisquer pontes que essas classes possam ter com aquelas de status econômico diferente em seu próprio habitat.

No centro de nossa conversa está como os judeus latino-americanos se tornaram “globais”. As duas atrocidades que atingiram os judeus argentinos no século XX, a chamada *Semana Trágica* em Buenos Aires em 1919, uma agitação trabalhista – motins, massacres – que resultou na morte de centenas, e o atentado da AMIA em 1994, marcam essa transição. A primeira, estritamente falando, foi uma questão local, embora sem dúvida influenciada pela onda de imigração europeia para a Argentina (italianos e judeus, predominantemente) e pelo “temor comunista” que se espalhava pelo mundo com a Revolução Bolchevique na Rússia. A segunda, ao contrário, era global: uma extensão do conflito israelo-palestino, particularmente o papel estratégico iraniano nele. Depois da tragédia da AMIA, não só os argentinos, mas todos os judeus latino-americanos perceberam como éramos vulneráveis e, não importando quão periféricos fôssemos nos assuntos internacionais, quão apáticos, até mesmo descomprometidos, pudéssemos nos considerar, também éramos, ao mesmo tempo, alvos e participantes ativos em conflitos globais.

Por que essa mudança na *Realpolitik* aconteceu? Acredito que a resposta esteja ligada ao seu ponto. Os judeus em Buenos Aires podem ter mais em comum com seus pares em Toronto, Joanesburgo ou Paris do que com a classe trabalhadora argentina em seu próprio país. Isso porque, embora sejam apenas mais uma minoria dentro da Argentina, a verdade é que pertencem a um estrato social transnacional que os liga a outros judeus do mundo. Essa ligação tem muito a ver com sua posição unificada de classe média e média alta. Em outras palavras, os agentes iranianos os atacaram em 1994 porque eram vistos como uma importante extremidade de Israel e do judaísmo mundial. Se tivesse havido, na virada do século XX, um punhado de judeus indigentes em Buenos Aires, em vez de uma comunidade considerável, bem organizada e economicamente solvente, com parcerias em qualquer outro lugar onde vivessem judeus, ninguém estaria interessado neles.

Em nenhum outro momento da história da humanidade os judeus ocuparam uniformemente lugares sociais tão elevados com o fazem hoje. Sim, na Espanha medieval, por exemplo, ou na Alemanha do final do século XIX, havia um grupo de judeus proeminentes que eram ricos ou influentes. Nos tempos atuais, porém, tais lugares são uma característica geral. Portanto, um sentimento de empatia, um reconhecimento de interesses compartilhados,

prevalece entre eles. Estou especialmente interessado em como os judeus se tornaram “brancos”, isto é, membros da classe privilegiada. A história judaica, como mencionei, é definida por casos contínuos de ostracismo. Hoje em dia os judeus têm algo que não tivemos desde a destruição do Segundo Templo no ano 70 EC por Tito e seus soldados romanos, data que comemoramos em Tisha B'Av. Temos poder na forma de uma nação judaica, poder representado por um exército judeu e, igualmente significativo, poder com a elevação mais ou menos homogênea do status econômico dos judeus em todos os lugares. Em outras palavras, os judeus se beneficiaram da promessa do contestado movimento do século XVII chamado Iluminismo, que buscava tornar todas as partes da sociedade iguais aos olhos da lei. Além disso, os judeus, como argumentou o sociólogo alemão Max Weber em sua tese da *Ética Protestante*, que relacionava o protestantismo com o capitalismo ao apontar que os judeus são um motor econômico empreendedor, subiram a escada financeira, com todas as transformações que isso implica.

Há apenas um século, a maioria dos membros da minha própria família era pobre. Hoje, são todos empresários, médicos, cientistas, artistas, professores, economistas etc. O nível educacional passou de um analfabetismo limitado, quase absoluto – minha bisavó materna não sabia escrever – a termos médicos, doutores e outras distinções universitárias. Eles também se tornaram incrivelmente móveis: alguns são mexicanos, outros cidadãos dos EUA, israelenses, canadenses, franceses, espanhóis e assim por diante. Em outras palavras, a metamorfose foi absoluta. Eu sou um subproduto dessa metamorfose. Muito mais modesta, a jornada é semelhante à dos Mendelssohns, começando com Moisés Mendelssohn, o pai do Iluminismo “judeu”, que em 1783 publicou *Jerusalem oder über religiöse Macht und Judentum* [Jerusalém, ou Sobre o Poder Religioso e o Judaísmo], sendo o primeiro a traduzir a Bíblia hebraica para o alemão e chegando a seu neto, o compositor Felix Mendelssohn, que foi batizado como cristão reformado. Durante a Segunda Guerra Mundial, os Mendelssohns sofreram o destino de outros judeus europeus: alguns morreram em campos de concentração nas mãos dos nazistas, outros cometeram suicídio, alguns se esconderam e mudaram de sobrenome e alguns emigraram para os Estados Unidos ou fizeram *Aliyah*. No México, lembro-me de alguns colegas da *Yiddische Schule* com esse sobrenome. Infelizmente, nunca perguntei a eles se pertenciam à árvore genealógica de Moisés Mendelssohn. Tal é a natureza desconexa da história dos judeus que eles provavelmente não saberiam do que eu estava falando.

Quaisquer que sejam as emoções que possam despertar, os judeus latino-americanos são extraordinariamente ágeis: seu desenraizamento, sua lealdade a uma estética transnacional de classe média alta, suas viagens constantes, seus investimentos econômicos e culturais em várias

frentes geográficas, fazem deles um veículo de comunicação essencial. Eles estão nos negócios, na política, na educação, na literatura e nas artes: um exemplo daquela qualidade etérea e muitas vezes controversa conhecida como globalismo, que, na minha opinião, é sinônimo de sobrevivência.